



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

ALINE DE SOUZA SILVA

**A MEMÓRIA DO DISTRITO DO MARINHO:
ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES (1928-1950)**

**CAMPINA GRANDE
2019**

ALINE DE SOUZA SILVA

**A MEMÓRIA DO DISTRITO DO MARINHO:
ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES (1928-1950)**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.

Linha de Pesquisa: Cidade, Memória e Patrimônio.

Orientadora: Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro

**CAMPINA GRANDE
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586m Silva, Aline de Souza.
A memória do Distrito do Marinho [manuscrito] : entre católicos e protestantes (1928-1950) / Aline de Souza Silva. - 2019.
30 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Luíra Freire Monteiro, Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. História local. 2. Memória cultural. 3. Religião. I. Título
21. ed. CDD 907.2

ALINE DE SOUZA SILVA

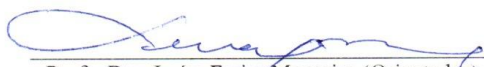
A MEMÓRIA DO DISTRITO DO MARINHO:
ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES (1928-1950)

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Licenciatura Plena em História, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em História.


Linha de pesquisa: Cidade, Memória e Patrimônio.

Aprovada em: 03/12/19.


BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Lúira Freire Monteiro (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Hilmária Xavier – Avaliadora interna
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Glauber Paiva – Avaliador externo
Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Pela imensidão do amor que no presente nos resta a saudade, dedico este trabalho à Maria Veríssimo, Mariah, minha avó materna pelo carinho e amor recíproco (*in memoriam*). Através do perfume e a forma de uma flor, lembro-me da senhora em vida. DEDICO.

[...] A memória é a faculdade épica por excelência. (BOSI, 1994, p. 90)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Celebração da primeira comunhão do ano de 1949	19
Imagem 2 - Final celebração da primeira comunhão do ano de 1949.....	19
Imagem 3 - Igreja São João Batista	20
Imagem 4 - Culto na década de 1970 na Igreja Congregacional do Marinho.....	22
Imagem 5 - Igreja Congregacional do Marinho no ano de 2013.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMCOM	Associação de Moradores da Comunidade do Marinho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	UM LUGAR ESQUECIDO NO TEMPO.....	10
3	FAMÍLIA E MEMÓRIA DO MARINHO.....	14
4	MEMÓRIA E ESQUECIMENTOS DO MARINHO.....	16
5	UM ESPAÇO DISPUTADO POR CATÓLICOS E PROTESTANTES....	17
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
	FONTES E REFERÊNCIAS	25

A MEMÓRIA DO DISTRITO DO MARINHO: ENTRE CATÓLICOS E PROTESTANTES (1928-1950)

¹Aline de Souza Silva

RESUMO

O presente estudo está pautado em analisar o Distrito do Marinho; uma localidade existente e comprovada pelos registros históricos da Vila Nova da Rainha, no ano de 1790, da então Capitania da Paraíba. Como um lugar oficialmente visibilizado como distrito, a partir de registro histórico de associação, de 1995, ainda não existe uma história escrita sobre este lugar. De certa forma, esses fatos incentivaram a produção e a escrita deste trabalho, que a priori tem como principal objetivo historicizar a memória dos antigos moradores do Marinho, a partir da demarcação do cotidiano, e dos embates entre católicos e protestantes do lugar. Como principal fonte, a oralidade, para mais além, as informações advêm também, da escassa documentação que demarcam o lugar, e fontes iconográficas. Desse modo, como embasamento teórico, teremos a contribuição dos autores Le Goff (1992), Bosi (2009) e Barros (2011), no tocante do conceito de memória. Ao que se refere o estudo da História das cidades, temos Barros (2007) e Bresciani (2002). Em relação ao diálogo sobre conceito de História Local, temos Adilson Filho (2019), Silva (2013) e Certeau (2014). No entanto, com a estimativa de considerações, o Marinho é demarcado e reconhecido pela memória dos moradores, pela familiaridade, o sagrado, a partir dos relances do século XX, com o recorte temporal de 1928 a 1950. Destacando que a partir de então, o lugar não é mais desconhecido.

Palavras-chave: História Local. Memória Cultural. Religião.

ABSTRACT

The present study is based on analyzing the Marine District; an existing locality and proven by the historical records of Vila Nova da Rainha, in the year 1790, of the then Capitania da Paraíba. As a place officially visible as a district, from the historical association record of 1995, there is still no written history about this place. In a way, these facts encouraged the production and writing of this work, which a priori has as its main objective to historicize the memory of the former residents of the Navy, from the daily demarcation, and the clashes between Catholics and Protestants of the place. As the main source, orality, beyond, the information also comes from the scarce documentation that marks the place, and iconographic sources. Thus, as a theoretical basis, we will have the contribution of authors Le Goff (1992), Bosi (2009) and Barros (2011), regarding the concept of memory. Regarding the study of the history of cities, we have Barros (2007) and Bresciani (2002). Regarding the dialogue about the concept of Local History, we have Adilson Filho (2019), Silva (2013) and Certeau (2014). However, with the estimation of considerations, the Marine is demarcated and recognized by the residents' memory, by the familiarity, the sacred, from the twentieth century glimpses, with the time frame from 1928 to 1950. Noting that from then on, The place is no longer unknown.

Keywords: Local History. Memory. Marine. Religion.

¹ Aluna da graduação do curso de Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, Campus I.
Email: allinesouza_@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

São amplas as possibilidades proporcionadas pelas abordagens sobre as cidades na atualidade. Múltiplos recortes se impõem aos pesquisadores que detêm seus olhares sobre esta dimensão do campo histórico.

O historiador vê a cidade como uma aventura a ser desvendada. Através das decifrações dos discursos que coloca como objeto de estudo para compreensão e interpretação desse lugar, por meio de escritos, da fala e do agir populacional e, de sua forma de enxergar sua cidade como uma narrativa histórica de um lugar que já foi e continua sendo escrito por gerações e gerações. “A cidade, não podemos esquecer, é um grande texto que tece dentro de si uma miríade de outros textos, inclusive os das pequenas conversas produzidas nos encontros cotidianos”. (BARROS, 2007, p.45)

As cidades constroem a história de modo sucinto, e fazem para seus habitantes que, por sua vez, escrevem e lêem a história impressa na cidade, artefato e sujeito histórico. Nesse sentido, a cidade é o objeto de estudo que mais se interliga com a história, sempre deixa rastros, falas, documentos que são registrados na memória do cidadão que presenciou situações na época, deixando um legado que o indivíduo é a própria história de sua cidade. Segundo Bresciani (2002), a cidade coloca o mundo na história e traz para o presente o legado das gerações mortas e de suas heranças imortais.

A cidade, como símbolo histórico de um povo, só foi problematizada no século XIX, entre pintores, arquitetos, historiadores e comunicadores. Contudo, Barros (2007, p. 9) relata que “Pensar e sentir a cidade fora muitas vezes uma tarefa dos poetas, dos cronistas e romancistas, dos teólogos, também dos arquitetos e dos filósofos[...]”.

A cidade é um lugar com significados e torna-se uma variação de interações e, é nesse contexto que Barros (2007) aborda sobre como a cidade torna-se, isto é, de como ela pode ser estudada pelo historiador:

A cidade torna-se simultaneamente artefato, produto de terra, ambiente, sistema, ecossistema, máquina, empresa, obra de arte, ou mesmo um texto onde podem ser lidos os códigos mais amplos de sua sociedade. (BARROS, 2007, p.17)

Michel de Certeau² (2014), aborda sobre cidade retratando sobre espaço e o que os lugares representam através da memória, vivências e sensações:

Os lugares são histórias fragmentadas e isoladas em si, dos passados roubados a legibilidade por outro, tempo empilhados que podem se desdobrar, mas que estão ali antes como história espera e permanecem no estado de quebra-cabeça, enigmas, enfim simbolizações enquistadas na dor ou no prazer do corpo. (CERTEAU, 2014, pp. 75-76)

Nesse sentido, Amorim (2019) adverte sobre a história das cidades, como podem ser pensadas a partir da amplitude de estudos em questão da sua urbanização, modernidade, comportamentos, cotidiano, moradia e até mesmo suas ruas. Barros (2007), enfatiza sobre as ruas da cidade como a leitura e a escrita da história de uma determinada cidade, na reflexão

² CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:1. Artes de fazer**. 22. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

sobre o imaginário dos habitantes que possibilita a ação do historiador como investigador dessa história.

Partindo do pressuposto dos estudos da história das cidades, a partir do olhar do historiador, é indispensável abordar sobre História Local, não de maneira confusa, mas de certo modo, analisar as convergências e de como o historiador, ao analisar a cidade pode-se aproximar do objeto, partindo de um recorte pelo lugar analisado pelo historiador principalmente pelos informes das fontes.

O espaço na nova análise não se restringe ao político-administrativo, mas foca o estudo do local. Este, por sua vez, pode ser entendido como um lugarejo, aldeia, vila, bairro e cidade. Se valoriza nessa perspectiva uma visão do homem como agente social, econômico e político da História, não uma parcela da população, mas a totalidade das pessoas. (NASCIMENTO JÚNIOR, 2016).

Segundo Silva (2013), a história local aproxima o historiador do seu objeto, é nesse sentido que a história deixa de ser fundamentada não somente em temas e objetos distantes, mas incorporando aos estudos da história de uma determinada região especificamente, ou seja, de um passado distante que impulsiona a um espaço para algo imediato. Assim, Adilson filho (2019), ao falar sobre História Local, adverte que:

Pensar as tramas locais tomando como base a História do Tempo Presente, isto é, uma abordagem mais próxima e contemporânea da vivência do próprio historiador torna o trabalho mais desafiador, por que implica em saber articular o conhecimento à sua experiência de vida, uma vez que o local, como já dissemos, condensa intensas relações entre o corpo, à memória e a história. (Adilson Filho, 2019, p. 182).

Contudo, há espaço na cidade que não é conhecido como um todo, nesse caso há espaço dentro da própria cidade que está à margem da história. É nesse viés que, será analisada a cidade de Campina Grande – PB, não de sua história como um todo, mas sim voltando-se para um recorte espacial, destacando o específico do Distrito do Marinho.

Compreende-se de certo modo, a emergência da escrita dessa história, na investigação do lugar esquecido, das principais famílias que contribuíram para sua estabilidade e crescimento, bem como as religiões que predominaram.

2 UM LUGAR ESQUECIDO NO TEMPO

O Marinho é um lugar sem identidade definida. À margem de duas cidades, nele enxerga-se aspectos do mundo rural e urbano, em sua mescla social. Localizado entre Campina Grande e Massaranduba, o Marinho ora é considerado uma extensão de Campina Grande, tomando aspectos de um bairro, por ser enxergado como um prolongamento da Rua Santo Antônio, no bairro do mesmo nome, ora é tido como “distrito”³, povoado, estrada ou até mesmo sítio.

³ Distrito é uma nomenclatura usada para as questões administrativas da política de determinado território, no Brasil o termo é usado para territórios subdivididos de municípios, para subprefeituras, sendo orientados e regidos pelas autoridades do município inseridos, são localidades como distritos rurais outros tipos de

As informações sobre este lugar são esparsas, raras e desconhecidas, sabendo-se pouco sobre sua origem e desenvolvimento. Como pode existir um lugar do qual se saiba tão pouco?

É no contexto da colonização na capitania da Paraíba, e na entrada massiva de portugueses no século XVIII, quando da interiorização, que localizamos as primeiras evidências sobre este lugar.

Dentro desse cenário da interiorização dos portugueses no século XVIII, inicialmente houveram poucas mudanças nesse século. Nesse caso, destaca-se o povoado de Campina Grande, cuja população crescia lentamente. Em contrapartida, Campina Grande passou a depender de uma freguesia chamada “Nossa Senhora dos Milagres⁴”, estabelecida em 1750. Após quase duas décadas, em meados dos anos 1769, Campina Grande tornou-se freguesia, após isso desenvolveu-se, assim não sendo mais dependente, desvinculou-se da freguesia de Milagres.

No fim do século XVIII, a coroa pretendia criar novas vilas na capitania da Paraíba. Vale salientar que nesta mesma época, esta capitania ainda era vinculada a capitania de Pernambuco, tendo como governador Tomás José de Melo. Entretanto, o ouvidor geral da capitania da Paraíba Antônio F. Soares, no ano de 1787, solicitou ao governador da capitania de Pernambuco, a permissão para criação de três vilas. Duas dessas vilas seriam em Caicó e em Açu, ambas povoadas, eram candidatas a se tornarem vilas e já pertenciam a capitania da Paraíba. Outras localidades seriam candidatas a vila, as duas freguesias de Milagres e de Campina Grande, ambas pertencentes a região do Cariri.

No entanto, com uma localidade bem cultivada, crescia lentamente em questão de habitantes, em território era abundante, com terras cultivadas, gerava riquezas, e por sua localização, era o centro de distribuição entre o sertão e o litoral da capitania da Paraíba. Campina Grande foi escolhida pelo ouvidor Bederodes a se tornar vila, no ano de 1790. No dia 6 de abril do mesmo ano, a vila passou oficialmente a ser chamada por Vila Nova da Rainha, em homenagem a rainha D. Maria I⁵.

Após oito anos de Vila, possuindo poucas casas, e com apenas três mil habitantes, nesse sentido, a vila não chamou muito atenção da capitania. Mas em questão de território, a ela abrangia várias localidades como o cariri, parte do agreste, parte do Brejo, alguns povoados, como de Fagundes, Boqueirão, Cabaceiras, Milagres, Timbaúba do Gurjão, Alagoa Nova, Marinho⁶, e outros que foram anexados, assim que Campina Grande se tornou Vila.

É certo que, nas proximidades da Vila Nova da Rainha, em espaços onde, no século anterior, foram assentados aldeamentos indígenas para definir as possessões de terras a serem exploradas, ou mesmo do estabelecimento de currais de gado, tenha surgido povoamentos⁷.

Estes povoamentos, anteriormente, foram criados aldeamentos missionários, com o propósito de cristianizar os índios, torná-los súditos do rei e civilizá-los. Nesse caso, as

localidades. Informação contida através do Educação sobre os termos relacionados as divisões territoriais. Disponível em: <https://www.educacao.cc/politica/diferencas-entre-comarca-e-municipio-distrito-e-estado.html>.

⁴ Freguesia estabelecida no ano de 1750, sendo formada pelos Cariris. Este nome Milagres se deu em homenagem a padroeira local Nossa Senhora dos Milagres.

⁵ SANTOS, Juvandi de Souza. **Cariri e Taraíru? : Culturas tapuias nos sertões da Paraíba**. 82 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

⁶ Hoje em dia distrito, é a espacialidade demarcada deste trabalho, identificando que o povoado do Marinho era é existente desde o século XVIII.

⁷ Este é o caso do bairro do Genipapo que, segundo Amorim (2019), replica um modelo de surgimento de povoamentos no planalto da Borborema.

práticas culturais e conflitos até então foram extintos dos povos indígenas Cariris e Tarairus, como Santos (2009) relata, assegurando que, de certo modo, esse processo acelerou a extinção daqueles nativos, ocorrendo assim, de um lado a dominação territorial dos indígenas, a sobrevivência e segurança em relação aos conflitos externos.

Aos índios Tapuias existiram apenas dois caminhos a seguir: o aldeamento e a submissão e o extermínio nas guerras justas. Ambas as formas levaram à extinção dos indígenas, sobrevivendo apenas alguns traços indelévels na cultura paraibana contemporânea. (SANTOS, 2009. p.2)

A exploração do trabalho escravo a partir dos indígenas, servia de forma integral aos missionários Jesuítas, de modo que construíram escolas, aldeias, fazendas, incentivando-os a uma nova cultura; a alfabetização. Os missionários ensinavam aos índios a lerem e a escreverem em português, tendo assim, vantagens para si.

Para uma maior organização em torno do crescimento das aldeias, alguns chefes indígenas foram designados para liderarem, e como consequência desses serviços prestados ao rei, ganhavam títulos, terras, ajudavam a liderar, organizar e governar de forma administrativa as aldeias.

As doações de sesmarias, nos Sertões da Paraíba, acontecem basicamente no século XVII. Pessoas de posse e várias ordens religiosas receberam possessões, essas últimas, com intuito de erigirem aldeamentos para catequizar os índios Tapuias. Na verdade, uma forma de mantê-los sobre controle ao mesmo tempo em que limpavam o terreno, deixando livre principalmente as várzeas dos rios para a penetração do gado. (SANTOS, 2009,p. 158).

De acordo com Amorim (2019), muitos chefes indígenas tinham posses de terras fora das aldeias, gados e até mesmo escravos, além das lutas e defesas pelo império português. Dentro desse contexto, a inserção missionária nos chamados sertões, só ocorreu após a guerra contra o domínio holandês.

Logo com o fim do domínio holandês, os portugueses avançaram com a interiorização. Com essa entrada, houve a inserção de gados e equinos, sendo ancorados, segundo Amorim (2019), pela Ordem franciscana, com o intuito de dominação de território. A partir de então, destaca-se a formação dos povoamentos, a partir do século XVII em diante. Entretanto, o aldeamento dos Cariri teve sua formação nessa temporalidade, numa região do Planalto da Borborema, conhecido por Campina Grande, desde os holandeses.

Haja vista que o Marinho é citado como povoado anexado a Vila Nova da Rainha, em 1790, decorrente da criação de aldeamentos e, posteriormente, povoamentos, no século XVII, destaca-se a relação do povoado ser criado nesta mesma época, através do aldeamento do Cariri, juntamente com a criação de gados e equinos em currais na região do Planalto da Borborema.

No século XX, especialmente durante e após a II Guerra Mundial, o Marinho se tornou espaço de implantação de ordens religiosas católicas como por exemplo, a ordem franciscana. Lugar de clima aprazível, próximo a um notável centro urbano e ao mesmo tempo dele afastado, o marinho atraiu muitos estrangeiros para ali viver.

Esse intercâmbio com Campina Grande também fez com que, naquele povoamento, fosse implantada, em 1933, uma congregação protestante, no sentido de evangelizar a

população local, integrando-a à igreja congregacional. Esta, naquele momento, foi considerada a maior igreja protestante, em número de membros, da América Latina

Geográfica e politicamente, o Marinho é território campinense. Considerado zona rural pelo IBGE, possui escola municipal e posto de saúde, tudo organizado pela prefeitura municipal de Campina Grande. A energia no local foi implantada durante o governo de Severino Cabral, no ano de 1962. A água encanada só foi implantada recentemente, depois de contínua luta dos moradores do local, que sofriam com a extrema calamidade em procura de água, arriscando-se em rio, tanques e barreiros da região.

Segundo o documento de autorização de autoridades locais AMCOM para representarem o distrito, foi assinado no ano de 1995, o qual tinha como relatório que essas pessoas foram designadas a organizar e representar o distrito diante das situações sociais e econômicas para serem esclarecidas diante da prefeitura de Campina Grande. A associação social do distrito possuía presidente, vice, secretários e tesoureiros.

A economia local baseou-se nas atividades rurais das fazendas e de uma empresa local, que fabricava telharia e tijolos que seriam vendidos na zona urbana de Campina Grande.

Sem maiores destaques, o lugar foi referendado nos jornais locais após o caso Ataliba Arruda⁸, que morava numa fazenda local, e se caracterizou como um serial killer. Famoso na região da Borborema, o facínora se destacava pela crueldade com que atacava suas vítimas, e também por ser membro de famosa família de advogados criminais, que defendiam livremente o parente criminoso.

Algo que é relatado pelos moradores em relação à Ataliba, é que algumas situações não foram transmitidas na imprensa e nem nas autoridades. Existe uma estrada que dá acesso ao distrito do Marinho, conhecida por “Cova do mudo”. A história sobre essa estrada é intrigante, pois fora um local que um indivíduo fora enterrado por Ataliba, após uma discussão com uma pessoa muda. Conta-se que o mudo fez algumas brincadeiras, zombando do Ataliba, e o mesmo não gostou e agiu como pistoleiro. Ao chegar no distrito do Marinho, enterrou o mudo e deixou uma das mãos visíveis do defunto. Gerou medo e confusão no distrito após encontrarem o corpo. Ataliba nunca foi investigado pelas autoridades, por esse crime.

Em decorrência desses fatos ocorridos no distrito, vale ressaltar a importância dos fundamentais moradores, que por sua vez já falecidos, proporcionaram um legado incrível para sustentabilidade e desenvolvimento local. Se alguns estivessem vivos teriam a idade correspondente entre 90 e 120 anos de idade, os que ainda residem no local, descendentes dos que começaram a viver no distrito, estão entre as idades de 80 e 90 anos.

Por conta da prática do catolicismo muito forte no local, e da organização administrativa da igreja, os livros eclesiásticos, especialmente o de batistério, informa algumas datas relacionadas aos registros das pessoas que residiam no local e eram batizados na capela. Nesse sentido, entre a década de 1939 e 1950, os sobrenomes ali listados coincidem

⁸ Ataliba Arruda, natural da cidade de Campina Grande, ficou conhecido na década de 1980, por ser um pistoleiro homicida, amedrontando a população campinense e povoados vizinhos. Sendo preso por mais de 30 anos em cadeia pernambucana. Sobre seus crimes ficou conhecido por conta dos noticiários da imprensa paraibana e pernambucana. Hoje em dia cumpriu a pena, e vive em um local desconhecido por todos. Ocorreu um homicídio dentro do estabelecimento do antigo El dourado, onde um homem foi morto pelo Ataliba Arruda na frente de todos que estavam no local. Além de que muitos dos seus serviços aos grandes fazendeiros, muitas vezes fazia o trabalho de pistoleiro sem conhecer o nome da vítima, ia ao local e matava só pelo nome do indivíduo. Quando chegava nas festas, intimidava as moças para dançar, assim como sempre fazia confusão com outros indivíduos na festa consequentemente gerava muitas das vezes mortes.

com as datas retratadas pelas entrevistas, assim como os principais nomes que representavam o povoado na época.

Em questão da falta de informações ou referências escritas sobre a história do lugar, destaca-se a memória dos moradores locais como fonte única capazes de fazer registrar as vivências, cultura e costumes locais.

3 FAMÍLIAS E MEMÓRIAS DO MARINHO

Quando uma pessoa é perguntada sobre um determinado lugar, na maioria das vezes ela lembra das principais pessoas com as quais conviveu, ou pessoas de grande importância no local em que está inserida. Nesse ponto, será detalhado sobre as principais famílias antigas que contribuíram para a formação do povoado do Marinho, a partir da memória. Nessa questão Bosi (2009) fala sobre essas memórias familiares:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação. (BOSI, 2009, pp. 410-411).

Além da memória ter o poder de trazer grandes informações, ela se fragmenta, e com esse cuidado para se saber a história de um determinado lugar, o apoio de fontes documentais é essencial. Nesse sentido, o documento eclesiástico é uma grande ferramenta que proporciona veracidade à alguns fatos; os registros de batismo e de casamento da capela do Marinho, pertencentes à Paróquia Nossa Senhora da Conceição, cita alguns nomes de pessoas que residiram nesse distrito entre o anos de 1930 à 1945. Muitos desses nomes se repetem com o passar dos anos, outros desaparecem. “O registro paroquial que são assinalados, por paróquia, os nascimentos, os matrimônios e as mortes, marcam a entrada na história das “massas dormentes”, e inaugura a era da documentação de massa.” (LE GOFF, 1992, p. 541). Assim, a partir da memória de Aurea Farias e Bernadete Verissimo, será contada a história das primeiras famílias através de suas falas.

As principais famílias que contribuíram para formação deste lugar foram, a família Sabino de Farias, Veríssimo, Cavalcante e Araújo, que possuem herdeiros dessa história e que residem no povoado atualmente. Os mais velhos dessas famílias nasceram no início do século XX, tinham suas fazendas no povoado, com a utilização da pecuária e agricultura, posteriormente na década de 1920, já residiam no local, formando matrimônios e patrimônios no local.

Segundo Bernadete Verissimo e Aurea Farias, ambas informam sobre a família Sabino de Farias. Esta família tem como membro, um dos primeiros a morarem no povoado; o senhor Manoel Sabino de Farias, que possuía grandes terras na localidade, aparecendo como morador do lugar através do registro de casamento datado no ano de 1927. Mencionado no livro de atas da igreja protestante local no ano de 1928, Manoel Sabino era residente do Marinho e membro da igreja, assim como sua esposa que continuou até sua morte a morar e cultivar as terras deixadas pelo seu pai. Manoel foi homenageado pelos moradores com seu nome escrito e registrado na escola local, possuindo atualmente herdeiros que residem nesse distrito, como sua sobrinha e sobrinhos netos.

O irmão de Manoel Sabino, Arthur Sabino, pai da entrevistada Aurea Farias, também residia no Marinho, tinha como seus padrinhos; Antônio Gomes e Rameiro de Souza Cavalcante, também residentes deste lugar. Aos 21 anos de idade, Arthur casou-se com Maria de Souza Lima, ele nasceu neste lugar no ano de 1907, ela também nasceu no Marinho no ano de 1908, tornando-se doméstica aos 20 anos de idade. O pai de Arthur, também chamado de Manoel Sabino de Farias, aos 58 anos de idade, na época, casou seu filho sem sua companheira Philomena Almeida de Farias, que falecera precocemente no ano de 1909. Severino de Souza Lima era o pai de Maria e, sua mãe se chamava Hedriges Dias de Araújo, ambos vivos na época e residentes do mesmo lugar.

A esposa do Manoel Sabino, Maria Cavalcante, faz parte de outra família fundadora, o Vladimir Cavalcante, segundo Bernadete e os documentos de certidões de casamento de Manoel Sabino de Farias e Maria Cavalcante, são parentes do Antônio Cavalcante, Nana Cavalcante, como membros da família Cavalcante, que também exerciam cargos na igreja congregacional, mencionados no livro de ata do ano de 1928. A família Cavalcante é tanto mencionada nos livros de batistério da igreja católica, como agricultores, mas também divididos entre a igreja protestante na lista de membros na década de 1930 e residentes do povoado.

Anna Cavalcante é Nana Cavalcante, apelido mencionado pelos moradores locais. Em, 1928, casou-se com 35 anos de idade, era doméstica e seu esposo se chamava Rodrigues da Silva. Ela nascida no ano de 1893 no Marinho, ele filho de Manoel Rodrigues da Silva e de Anna Espirito Santo, ambos falecidos na época, mas registrados como residentes do Marinho. Anna, filha de André de Souza Cavalcante e Izabel de Souza Cavalcante, representando também a família Rodrigues de 42 anos, ambos residiam no Marinho, assim como as testemunhas.

Entre batismo, a maioria das famílias registradas nesses livros de batistérios são da família Cruz, residentes no Marinho entre a década de 1940 a 1945, como agricultores locais.

Outra família que percorre por esse mesmo recorte temporal seria, o casal de agricultores família Conceição, sobre eles só restam essas informações. Segundo, os depoimentos das senhoras, não é citado sobre essas duas famílias, aparecem como residentes desse local em documentos, como padrinhos e que também levavam seus filhos para o batismo na capela do Marinho.

A família Verissimo de Souza, sendo representada pelo falecido morador Manoel Veríssimo de Souza, que nasceu no ano de 1908, faleceu com 78 anos de idade por problemas cardíaco, nasceu no estado de Pernambuco e construiu sua residência no povoado do Marinho, assim como dono de hectares de terras cultivador da agricultura e pecuária no local. Casou-se com a filha de um dos moradores locais da família Araújo, Ana Dias Araújo já residia no local e continuou juntamente com seu cônjuge até sua morte assim como ele também. Esses informes, são contatos pela filha do casal, Bernadete Verissimo de 90 anos, que lembra da importância do seu pai para o povoado, lembra dele como um dos fundadores, assim que lembra da sua criação, do mesmo ser rigoroso e relata que *minha vida era da igreja até em casa, meu pai era muito rigoroso*.

Ao casar-se, Manoel de 20 anos de idade no ano de 1928, seu Pai João Verissimo de Souza que na época possuía 60 anos, e sua mãe Josefa Verissimo de Souza falecida. Ana Dias era filha do falecido Antônio Marques de Araújo e de Mathildes Dias Araújo de 50 anos e também residia no local, Antônio Marques faleceu em 1925 no Marinho. Ana Dias, faleceu aos 42 anos no Marinho no ano de 1950, assim como lembra sua filha Bernadete, ao relatar sobre o ano de morte de sua mãe.

A Família Araújo é uma das mais antigas do povoado, dono de grandes hectares de terras e residiam no povoado com sua grande mansão, empregava a maioria das pessoas da cidade de Campina Grande e outras regiões, muitos dessas pessoas construíram suas casas no povoado, o mais conhecido morador é Josué Araújo, de grande fortuna e dono da empresa, era protestante e congregava na Igreja Congregacional do Marinho, casado com D. Zita Araújo. Ambos faziam parte da liderança da Igreja, ele como presbítero e ela como auxiliar, segundo Aurea Farias.

A memória de ambas trás as lembranças dos mais velhos que conviviam com elas, as pessoas importantes que se destacavam no povoado, os que comandavam. Os lapsos como Bosi (2009) destaca, são as pessoas que participaram de seu convívio junto de suas famílias, em relação ao cotidiano de proximidade da igreja, dos caminhos atrás de água potável, dos batismos e casamentos e alianças matrimoniais entre as famílias. “ Por muito que deva à memória coletiva, é o indivíduo que recorda. ” (BOSI, 2009, p.411)

4 MEMÓRIA E ESQUECIMENTO DO MARINHO

É da memória dos velhos que nos chegam informações sobre o lugar. Desses relances fugidios, destaca-se a formação das primeiras casas. Vejamos o que diz dona Bernadete Verissimo a respeito:

José Guedes, ele começou a casa de onde começou a fazenda, Nô Sabino herdeiro do pai dele que é Manoel Sabino é família de D. Aurea, um dos primeiros , foram tendo filhos e morando por aqui , e outros saindo seu nó, tinha Josibias morou aqui também e foi morar em campina seu nó , Antônio Guedes formou-se em Medicina.⁹

Como o local era de fato zona rural, as casas eram construídas a partir de fazendeiros do local. Nessa citação, observamos isso a partir de outro fundador que a moradora afirma, José Guedes, com sua fazenda, lugar de agricultura e pecuária formavam suas casas, como Josibias parente dos Sabino de Farias, Antônio Guedes filho do José Guedes. Outro morador é Manoel Verissimo, cujo sua casa ainda existe; casa de herdeiros, onde sua filha e netos residem atualmente.

Conheci todos, era bem mais velhos do que eu, Zé Guedes, No Sabino tudo com a idade do meu pai Manoel Verissimo de Souza.¹⁰

Quando se retrata sobre memória, sempre deve haver um cuidado, pois, essa sempre é fragmentada. A memória seleciona os principais acontecimentos que o ser humano presenciou, aquilo que não interessa é lançado ao esquecimento ou fica um lapso muito vago. Dessa forma, a memória opciona automaticamente as lembranças. No entanto, entra a questão da seletividade da memória, quando Pollack (1989) diz que, existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, "não-ditos".

As lembranças problematizadas aqui, são reflexos da memória, daquilo que mais foi presenciado na vida delas, as pessoas que conviviam com elas, as histórias contadas pelos

⁹ Depoimento concedido por Bernadete Veríssimo , julho de 2018.

¹⁰ Depoimento concedido por Bernadete Veríssimo , julho de 2018.

mais velhos, nesse caso ela discerne a importância que é lembrar desses fatos, tanto para sua identidade como também entender o lugar que ela está inserida.

Em relação a essa seletividade, e também a cronologia, muitos aspectos contados pela memória são de temporalidades diferentes, que ao serem ditos e na construção da compreensão, tudo ocorreu em tempos curtos, ou de certa forma, tudo na mesma época. É nesse sentido também que se é falado sobre a educação local, além dos ensinamentos eclesiais, alguns obtiveram a oportunidade de ter educação básica.

A escola teve a doação do terreno por José Guedes, grupo escolar municipal, teve como nome Manoel Sabino de Farias, em homenagem a um dos moradores mais antigos do Marinho. Nesse sentido, a primeira professora do local chamada pelos moradores como Dona Candu, Bernadete, fala sobre a mesma:

Dona Candu, chegou bem novinha aqui, com 18 anos e continuou morando aqui até morrer, morreu com 100 anos. Foi uma excelente professora, e eu fui aluna dela e também os mais velhos.

Pelo relato de Bernadete Verissimo, compreendemos que Dona Candu foi moradora e professora do distrito por 82 anos.

5 UM ESPAÇO DISPUTADO POR CATÓLICOS E PROTESTANTES

Como aponta Jaques Le Goff, em análise dos escritos de Huizinga, a grande inovação do autor ao escrever o *Outono da Idade Média* foi compreender o indivíduo histórico como um ser vivo, que possui desejos e sentimentos. Portanto ele compreende a cultura e religião como representações relacionadas à infraestrutura e não à superestrutura como propuseram os historiadores marxistas anos mais tarde. Assim, o fato religioso seria melhor entendido na medida em que fosse analisado a partir do ambiente em que emerge. (PETERS, 2015, p.93)¹¹

A partir dessa citação de Peters (2015), analisamos aqui o espaço do distrito do Marinho; local que emerge a religiosidade, e como os moradores locais enfrentaram essas disputas entre o catolicismo e protestantismo como extensão da religiosidade da cidade de Campina Grande.

Em questão do catolicismo no local, as informações contidas são a partir de 1940, com a chegada dos franciscanos no distrito para a reforma da capela, os moradores relatam que a capela já existia antes. Isso confirma, a partir dos livros de batismo da Paróquia de Nossa Senhora da Conceição, em que várias pessoas do povoado foram registradas na Capela do Marinho, que pertencia a esta paróquia na década de 1930 em diante. Nesse sentido, não possui uma data exata para sua fundação, mas compreende-se a importância da Igreja São João Batista no local e para povoados e sítios vizinhos no que se refere a missão, identidade, crença etc.

¹¹ PETERS, José Leandro. **A história das religiões no contexto da história cultural**. Revista discente do programa de pós-graduação em história, UFJF, vol. 1, 2015.

O povoado do Marinho era um dos destinos dos frades. No ano de 1941, o frade Marcelo, de origem alemã foi um dos colaboradores para a reforma da igreja local. Segundo moradores, era um frade missionário, alto, branco, possuía o sotaque da língua alemã e fez sua missão através de catequese, missas e evangelização, de casa em casa. Uma das moradoras mais antiga do local que teve contato com o frade Marcelo e é fiel da igreja local :

Tinha um Frade Alemão chegou aqui em 1940 e ficou 1951 , 11 anos, Josino Agra que ajudou muito a igreja daqui , formou a igreja e quem deu toda a madeira foi Josino Agra , foi um dos colaboradores aqui da igreja , essa igreja foi construída nessa época Era só uma capelinha, bem pequenininha , ai o Padre aumentou , esse frade Alemão , já existia antes do meu tempo, eu nasci em 1929 essa capelinha já existia , aqui quando o padre chegou , chegou 40, na guerra 40 (segunda guerra mundial) , vieram muitos frades alemães para o Brasil., foram para o convento Ipuarana de Lagoa seca , ai esse frade veio pra cá , ai foi ele que aumento a igreja do Marinho , e Josino Agra foi um dos colaboradores , Alba ai minha irmã tem uma carta , que ele escreveu o frade Alemão , agradecendo a Josino Agra , aos trabalhadores que cortaram a a madeira, cortaram muito bem feito.¹²

Frei Marcelo foi o primeiro franciscano de origem alemã à visitar o Marinho e, designado a ser frade permanente da capela local, chegou no povoado em 1940, com intuito primariamente de realizar uma reforma na igreja nomeada São João Batista, ou seja, construiu toda parte de trás da igreja, reformou na frente e dentro da igreja, onde poderia acolher mais membros durante as missas. Segundo Bernadete sobre Frei Marcelo:

Ele era muito simpático, ele mesmo conviveu muito aqui com minha mãe, minha mãe faleceu em 1950 , foi ele quem deu toda assistência a ela aqui em casa , vivia aqui dentro de casa , um frade que vivia permanente aqui.¹³

Frade Marcelo não foi o único das autoridades eclesiásticas a servirem na capela do Marinho, outros fizeram seus serviços no local, como batismos e casamentos, estes como frade Manfredo, frade Constantino, que na década de 1940 aparecerem nos livros eclesiásticos na questão do batistério de muitos indivíduos, assim também como Conego Manoel da Costa, etc. No entanto, outros frades faziam visitas missionárias no local, como Frei Damião, em que identificamos essa visita a partir da fala de José Tavares, morador atual do distrito do Marinho, mas na época citada era dono de uma fazenda ao redor do Marinho e convivia no distrito:

Quem teve aqui também foi Frei Damião, ai Maria foi até ele, e passou a mão nos pés do frei, e disse que era bem massinho, com certeza era santo.

Ainda sobre os relatos das missas, a entrevistada continua a falar sobre as missas dominicais pela manhã e pela noite, as quais participavam pessoas do próprio povoado, como ela e família, e pessoas das redondezas como o pessoal do sítio Cardoso, fazenda Amazonas, Vázea Grande, Chã do Marinho, Favela, Ingá, e Alvinho para se juntar aos fies da igreja para ouvir os sermões do frade Marcelo.

¹² Depoimento concedido por Bernadete Veríssimo , julho de 2018.

¹³ Depoimento concedido por Bernadete Veríssimo, junho de 2019.

Sobre a festa do padroeiro local, São João Batista segundo Bernadete, era o mês de maio todo focado para as celebrações e missas:

No mês de maio que era na sexta, sábado e domingo era o terço mariano, no tempo que ele estava aqui na festa de São João tinha quermesse, tinha leilão o povo doava garrote, doava carneiro, doava galinha, pra fazer leilão pra arranjar dinheiro para a igreja ¹⁴

Além das missas e celebrações, o frade Marcelo continuava sua missão em relação ao povoado e nas redondezas evangelizando para fazer o catecismo. Dona detinha relata que:

Isso ele realizava a cavalo, e eu ia atrás , junto com dona Candu , atrás do frade, era muita gente que ia com ele acompanhando nos domingos a tarde após a missa dominical. ¹⁵

Imagem 1: Celebração da primeira comunhão do ano de 1949



Fonte: Socorro Gonçalves (2019)

Em relação ao catecismo local, no povoado do Marinho, essa imagem é a representação de uma dessas celebrações, realizada no ano de 1949. A primeira comunhão dos fiéis do povoado local e, de povoados e sítios vizinhos. No entanto, a presidente da associação do distrito do Marinho, relembra vagamente que estava presente e participando da primeira comunhão, são lembranças contadas a ela por sua família. Ao lado esquerdo da imagem, é o frade Marcelo Greg, alemão e os outros dois não são lembrados.

¹⁴ Depoimento concedido por Bernadete Veríssimo, junho de 2019.

¹⁵ Depoimento concedido por Bernadete Veríssimo , junho de 2019.

Imagem 2: Final da celebração da primeira comunhão, 1949



Fonte: Socorro Gonçalves (2019)

A Igreja São João Batista, passou por outras reformas, além da década de 1940. Hoje em dia, a igreja possui uma arquitetura mais moderna em relação a primeira arquitetura franciscana de década citada. Nesse sentido, os moradores católicos do lugar possuem os cuidados com a igreja, questões materiais e administrativas, e a igreja funciona uma vez por semana em relação à missas e não possui um padre permanente.

Imagem 3: Igreja São João Batista



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Além do catolicismo no povoado, outra religião na década de 1930 é estabelecida com o intuito também de evangelização e, que também contribuiu de certa forma para visibilidade local e para o desenvolvimento local. Nesse caso, Albuquerque Junior (2009) enfatiza sobre o discurso através de Michel Certeau, a iniciação de uma religião protestante em um lugar; é na forma de discursos, e desse modo ocorreu no povoado do Marinho, através de alguns evangelistas e posteriormente pelo reverendo João Clímaco Ximenes, por meio de seu discurso evangelístico foi analisado e compreendido o início da implantação da igreja no local no século XX.

A Igreja Congregacional do Marinho é filiada a primeira Igreja Congregacional de Campina Grande, lembrando que o povoado é pertencente a cidade de Campina Grande e é influenciada pelas liturgias da cidade no geral. No mesmo século que o discurso congregacional se instalou no povoado do Marinho, participando desse contexto histórico em seu cotidiano.

Com a posse do pastor João Clímaco Ximenes, houveram aberturas para vários trabalhos evangelísticos nas redondezas, segundo Souza (1982), Ximenes era um homem de oração, pastor e evangelista, excelente administrador. Com isso, o povoado do Marinho foi contemplado com esse trabalho, sendo fixado no local uma congregação.

A igreja foi fundada no dia 20 de novembro de 1933, treze anos após a fundação da igreja central. Atualmente, a igreja possui 86 anos de fundação. Antes da estabilidade como igreja, já haviam reuniões nos locais, como cultos domésticos e evangelização local. Sendo organizada pelo pastor da igreja congregacional central o pastor João Clímaco Ximenes, que ficou à frente da denominação congregacional em Campina Grande e pela Missão Evangelizadora do Nordeste por 33 anos.

Sobre o cotidiano dos protestantes do lugar, temos as lembranças de Aurea Farias, que começa a relatar sobre a igreja local, quando lembra da sua caminhada cristã, da primeira igreja frequentada por ela no Marinho, em relação também da importância da mesma para a igreja como ex-secretaria. Em relação, a sua caminhada cristã, dona Aurea relata sobre esse fato de sua vida:

“que sempre fui crente, sempre vivi o evangelho desde que nasci, minha mãe era evangélica e meu pai não era, lembro de minha mãe me levando para igreja, juntamente com minha irmã mais nova. Participava do coral da igreja, e lembro dos regentes do coral. Lembro, que os membros da igreja não só os moradores local, mas também de outras localidades, de fazendas aos redores do Marinho, cidades próximas e outros povoados, como a chã do Marinho.¹⁶

Em questão dos anos iniciais sobre a igreja através da memória não se tem embates sobre os protestantes e católicos, só na década de 40 e 50 que algumas discussões acontecem por conta da influência de ambas no povoado.

Nesse sentido, a maioria dos evangélicos eram chamados de protestantes, crentes ou até mesmo de “bodes” por serem considerados pessoas hereges. Isso segue pela história, desde quando houve a reforma protestante, sempre houveram esses desentendimentos entre as duas religiões.

No Marinho, houveram perseguições leves, não de modo agressivo, mas verbalmente sempre os protestantes eram polemizados a serem chamados por essa linguagem e muitas vezes geravam desentendimento entre os moradores e isso fazia parte do cotidiano.

¹⁶ Depoimento concedido por Aurea Farias, junho 2019.

Primeiramente, muitos das fazendas e sítios ao redor do povoado do Marinho, estranharam sobre a fundação e prática protestante no lugar, muitos diziam “lá vem os bodes”, ou “lá vem os crentes”, até que no próprio povoado, muita das vezes os protestantes eram impedidos de passarem pela rua com destino a igreja evangélica, pelos moradores católicos. Dona Aurea , relata algumas situações pelas quais passou na época quando ia à igreja evangélica, sempre ouvia a mesma coisa, isso é a fala de Dona Aurea lembrando a fala de Dona Candu, falecida, e uma das moradoras mais antigas e praticante do catolicismo:

“ Vai pra onde? para a igreja dos protestantes ? Vai não, não vai passar pra lá não”, Dona Candu ficava no dia de domingo na janela de sua casa, observando quem passava , no domingo a noite também ficava na janela. Não só Dona Candu, mas a turma das Enorfres.

Dona Aurea relata a partir de sua memória, alguns presbíteros da época e pastor que eram também moradores do distrito do Marinho já falecidos:

Tio nô era o pregador, quem mandava era Clímaco Ximenes , ele presbítero da igreja, eles que fundaram , depois dele teve Josibias diácono, seu Josué Araújo era presbítero da igreja, pastor Armando Torres com muitos anos depois, eu já era adulta.

Imagem 4: Culto na década de 1970 na Igreja Congregacional do Marinho



Fonte : Disponível em : < https://www.facebook.com/IECMarinho/?epa=SEARCH_BOX

Podemos observar na imagem abaixo que, até hoje a igreja evangélica ainda está em funcionamento e permanece conservada, com arquitetura congregacional, não com a mesma movimentação de antes, mas houveram reformas, mudança de alianças, regimentos , membros e pastores durante 86 anos de emancipação. Na imagem cinco a representação da igreja na atualidade, muitos dos membros são de Campina Grande.

Imagem 5: Igreja Congregacional do Marinho no ano de 2013.



Fonte: Disponível em : < https://www.facebook.com/IECMarinho/?epa=SEARCH_BOX>.

A partir desta discussão, dos embates sobre essas religiões, de certo modo, ambas facilitaram e ajudaram o povoado a se tornarem um lugar sagrado e de significados para a memória individual, e conseqüentemente, coletivo do local e de outras pessoas de outra localidade. Em relação aos embates, a partir da memória dessas moradoras, não foram problemas de discussão duradouras, foi inicialmente por conta dos costumes.

[...] a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, p. 366).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo nos possibilitou compreender que o Distrito do Marinho percorreu várias gerações em relação a sua existência, tendo sua história esquecida até então. A preocupação a priori, seria do por quê não há escrita sobre esse lugar, surgindo então, a emergência da escrita sobre o mesmo.

Um distrito pertencente a Campina Grande, desde a anexação do mesmo à esta localidade, que na época tinha se tornado Vila, só citado em bibliografia e sem mais contextualização sobre o lugar. Esquecido por estes tantos anos, o lugar volta a ser citado no século XX.

Contudo, ao longo do trajeto da escrita deste trabalho, houveram impasses devido a falta de fontes direcionadas a relembrar o distrito do Marinho, uma vez que a maioria dos moradores mais velhos faleceram, e restaram apenas duas moradoras lúcidas que lembram de situações do cotidiano do povoado no século XX.

Destarte, ao entrevistar os moradores, surgiu um norte para a problemática deste trabalho, como por exemplo os questionamentos em relação a fundação, quem seriam os primeiros moradores, como se adentrou a religião desse local. Entretanto, a problemática seria, como conhecer esse lugar e qual a história deste.

Ao resultado das entrevistas, analisamos que o que demarca na memória desses habitantes, é partir de história contadas pelos mais velhos e algumas situações que as mesmas vivenciaram.

O que mais se destaca da memória é que o distrito é conectado diretamente a religiosidade, o ponto forte do catolicismo no local, as lembranças da prática dessa religião, e também a implantação do protestantismo no local, que de certa forma foi uma instituição que gerou incertezas, embates, aproximações, etc.

No entanto, o lugar é memorizado pelas famílias de modo que para os habitantes, a fundação local partiu dessa familiaridade, da construção de casas, da reforma da igreja católica, dos protestantes no local, da modernidade chegando tardiamente.

Além da utilização das entrevistas, contamos com a observação e interligação das fontes de registros; bibliografias raras que retratam o que os habitantes falaram, construindo assim, um alicerce para a historicizar o lugar.

Compreende-se que, a religiosidade demarca o local, ao analisar as famílias, todas elas vinculadas à religião das duas instituições, o sagrado como interlocutor do local, através das mesmas, a historicidade do local começa a ganhar vida na escrita, por conta da administração e a preocupação dos registros dos moradores percebendo-se o distrito como sendo história.

Não foi a partir da fundação das instituições que o local foi fundado, mas foi representado, significado e, conseqüentemente, surgindo a identidade coletiva através delas. Assim, partindo das instituições, o local foi ganhando visibilidade e crescimento que foram construídas ao longo do cotidiano por meio dos afazeres, da prática religiosa e, isso tudo sendo acompanhado pelos olhares dos moradores.

Através das instituições, o Marinho foi sendo visitado devido as festas realizadas pela igreja católica, catecismo, primeira comunhão realizadas em público, nas ruas, evangelizações em outros povoados vizinhos, que não tinha acesso a igreja, vinham as missas da Capela do Marinho.

Portanto, o distrito do Marinho tem sua história escrita nesse trabalho, tendo como seus principais agentes dessa história, seus moradores que são descendentes dos mais velhos desse lugar, frequentadores de ambas as religiões do local, participantes cotidianamente de algumas situações do decorrer do século XX.

Entretanto, ao estudar o local é de suma significância entender as mudanças do local, as variações da memória individual que influencia de certa forma o coletivo. Isto é, os sujeitos estão sempre em mudança.

Nessa questão, as problemáticas deste artigo foram respondidas de certa forma, através dos sujeitos, de suas memórias, das fontes históricas que dão relevância e caminham junto com a memória, dando a conclusão que há muito trabalho a ser desvendado sobre esse lugar, mas até então, o Marinho não é mais um lugar desconhecido, pois foi relembrado, estudado, problematizado e escrito.

FONTES

DOCUMENTOS:

Documento da Associação de Moradores da Comunidade do Marinho (AMCOM), 1995.

LIVRO BATISTÉRIO, **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, Campina Grande- PB, 1939-1940.

LIVRO BATISTÉRIO, **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, Campina Grande- PB, 1941-1943.

LIVRO BATISTÉRIO, **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, Campina Grande- PB, 1944-1947.

LIVRO BATISTÉRIO, **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, Campina Grande- PB, 1948-1949.

LIVRO BATISTÉRIO, **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, Campina Grande- PB, 1950.

LIVRO MATRIMÔNIO, **Paróquia Nossa Senhora da Conceição**, Campina Grande- PB, 1927-1928.

REGISTRO CIVIL DE CASAMENTO DO ANO DE 1928, Comarca de Campina Grande, número 85,86 e 87.

ORAIS:

Aurea Farias Soares, dona de casa, 83 anos, Marinho.

Bernadete Verissimo, agricultora, 90 anos, Marinho.

José Tavares de Souza, agricultor, 92 anos, Marinho.

REFERÊNCIAS

ADILSON FILHO, José. **A História Local em tempos de globalização** IN: Org MONTEIRO, Luíra Freire; SANTANA, Flávio Carreio. **Limites no Horizontes: Textos em História Local**. Ideia, João Pessoa, 2019. pp. 177-188.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia**. São Paulo, 2009.

AMADO, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes. **Usos & abusos da história oral**. - 8. ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006.

AMORIM, Natalia Santos. **Do espaço da fé aos lugares de memória: reminiscências de antigos moradores sobre a formação do distrito de Jenipapo (1940-1952)**. Trabalho de conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2019.

BARROS, Jsoé D' Assunção. **Cidade e História**. Petropolis, RJ: Vozes, 2007.

BARROS, José D' Assunção Barros. **Memória e História: Uma discussão conceitual**. Volume 15, 2011

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças dos velhos**.- 3. Ed – São Paulo: Companhia das Letras , 1994.

BRESCIANI, Maria Stella. **Cidade e história**. IN: Cidade: história e desafios/ Organizadora: Lúcia Lipii Oliveira – Rio de Janeiro: Editora (RJ), 1945- II. Fundação Getúlio Vargas.

CARNEIRO, Júlio Cesar Alves. **Trajatória e cotidiano dos Franciscanos na História do Brasil: Em seus capítulos na capitania da Paraíba e rainha da Borborema**. 2011.
CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano:1. Artes de fazer**. 22. ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CAIRNS, Earle E. **O cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã**. – 2. Ed—São Paulo: Vida Nova, 1995.

FREITAS JUNIOR, Cleófas Lima Alves de. **As narrativas da memória de mulheres no protestantismo de Campina Grande - Paraíba: a igreja evangélica congregacional (1927-1960)**. X Encontro Nacional de História Oral Testemunhos: História e Política, 2010.

FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima Alves de. **O uso de fontes orais e a história do protestantismo em Campina Grande**. ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza, 2009.

GUEDES , Antônio Fernando Cordeiro Jr. **Entre tempo e espaço: Cidade e memória social**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH, São Paulo, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. [et al.] – 2. Ed. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1992.

NASCIMENTO JÚNIOR, Manoel Caetano do. **História Local e o Ensino de História: das reflexões conceituais às práticas pedagógicas**. VIII Encontro Nacional de História – ANPUH BA, Feira de Santana, 2016.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Cariri e Taráiru? : Culturas tapuias nos sertões da Paraíba**. 82 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SILVA, Luis Carlos Borges. **A importância do estudo de História Regional e Local na educação básica**. XXVII Simpósio Nacional de História – ANPUH. Natal, 2013.

SOUZA, C. G. (1982). João Clímaco Ximenes - sua vida, sua obra. Campina Grande: Ed. do Autor.

VIANA, José Italo Bezerra. **História Local**. 1ª edição, Sobral, 2016.

AGRADECIMENTOS

Com grande regozijo e entusiasmo, sou extremamente grata ao meu soberano Deus, por ter me dado o privilégio de conhecê-lo verdadeiramente e me proporcionar momentos como este; concluir mais uma etapa em minha vida como historiadora. Sem ele essa jornada não teria sido concluída. Tudo isso para a honra e Glória dele mesmo . “ Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco”. (1 Tessalonicenses 5:18).

À minha estimada Mãe Selma, meu coração é eternamente grato pelo seu amor por mim e pelo cuidado de sempre, consolando-me nos momentos difíceis, estando ao meu lado em cada passo conquistado.

Ao meu pai que, com seu jeito, também contribuiu para que essa jornada fosse completada.

Aos meus irmãos mais velhos Anselmo e Flávio, aos quais sou extremamente grata por participarem integralmente da minha criação e também dos cumprimentos de decisões de minha vida.

Aos meus queridos sobrinhos João Pedro, Henrique Myller e Heloísa Mariah, pelo carinho, tia ama vocês.

Às minhas cunhadas Viviane e Giselly, pela força e cuidado. Obrigada por serem minhas amigas.

Quero agradecer às minhas tias, especialmente a tia Sonia por está comigo nos momentos das pesquisas orais. E a meu avô materno pela sua presença, seu carinho, pelas conversas sobre a história cotidiana de sua vida, as quais me ajudaram neste trabalho

Agradeço imensamente à Dona Aurea, Dona Detinha, pela ajuda imensa através dos seus relatos memoráveis e pelo carinho.

Aos meus amigos e irmãos em Cristo da ACEV Medici, pelas orações, pela comunhão e amizade, e pelos momentos de adoração a Deus e, também momentos adversos. Especialmente, aos integrantes do agrupe da quinta feira, e amigos que construi no ministério infantil, recepção e ministério de jovens.

Sou grata também pelos momentos durante a graduação e as amigas que consistem até hoje: Andreza Santana, Bruna Lima, Rannielly Marques, Jamilly Martins, Natália Santos, João Neto, Maxciel Santana, Katarina Moura , Valdeir e Elaine Cristina.

Às minhas amigas; Bruna Darlyn e Mari Cabral, pela sincera amizade, pelo companheirismo, por sermos irmãs em Cristo, à vocês agradeço pelas orações.

À experiência da docência gratificante no PIBID, juntamente com Bruna, Ruhama, Beatriz, Diego, e professor Rafael Abreu.

Em relação a família NUPEHL o agradecimento de coração a coordenadora e professora Luíra, pelo empenho e parabenizar a todos pelo trabalho exemplar das pesquisas em relação a História local, na digitalização de documentos históricos a partir dos alunos e professores, e tenho orgulho de fazer parte como pesquisadora deste núcleo. Agradeço aos amigos da turma do expediente da quarta feira, Natália, Emanuel e Neto, sou extremamente grata pelo aprendizado coletivo e pelas risadas.

Sou extremamente grata à professora Luíra por aceitar orientar este trabalho, pelas dicas, correções e contribuições durante as orientações, mas também pelos momentos em sala de aula, pelas contribuições e ensinamentos no Nupehl, pela relação aluno professor.

Aos professores Hilmaria Xavier e Glauber Paiva, que compõe a banca, meus sinceros agradecimentos por aceitarem a avaliarem meu trabalho.

Aos professores durante a graduação que tenho bastante carinho como professora Aparecida Barbosa, Aline Praxedes, Adilson Filho, Socorro Cipriano, Jordan Queiroz, Bruno Gaudêncio, Luíra Freire, Flávio Santana, Patrícia Aragão, Hilmaria Xavier e Babi Ramos.